

UM ESTUDO PRAGMÁTICO SOBRE O TERMO NÃO EM PORTUGUÊS DO BRASIL

Paulo Roberto Nogueira Andrade¹

Resumo: Este trabalho desenvolve uma análise do comportamento semântico-pragmático do termo não e de expressões contendo este termo; objetiva descrever alguns usos e valores semânticos que, não sendo baseados na negação, adquirem papéis importantes no processo de comunicação entre os interlocutores, principalmente quando as interações sociais envolvem falantes não nativos do português e exigem uma competência comunicativa intercultural.

Palavras-chave: Português como Língua Estrangeira; não; pragmática.

Abstract: This work analyzes the semantic-pragmatic behavior of the term não and expressions containing it in Brazilian Portuguese. It seeks to describe the semantic uses and values of the term that, although not based on negation, play important roles in the process of oral communication, mainly when the social interactions involve non-native speakers of Portuguese and demand an intercultural communicative competence.

Key words: Portuguese as a Second Language; não; pragmatics.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva descrever alguns valores semântico-pragmáticos do termo não, a partir da premissa básica de que a linguagem é um instrumento de interação social cujos usuários, interlocutores reais, têm como objetivo primário estabelecer relações de comunicação entre si, e de que para o sucesso da comunicação, dentro de uma abordagem sócio-internacional, a competência comunicativa (Hymes, 1972) e a Competência comunicativa intercultural (Corbett, 2010) são essenciais.

¹ Mestre em Língua Portuguesa, professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará. CE, Brasil. paulondrade@gmail.com

Após mais de dez anos como professor de português para estrangeiros, notei que inúmeras interações sociais apresentavam mal-entendidos entre falantes brasileiros e estrangeiros quando o termo não se apresentava. A partir dessa observação empírica, decidi investigar esta questão de forma mais científica.

Este trabalho pretende apresentar usos e funções do termo não que não estejam vinculados ao conceito de negação. Além disso, este artigo apresenta reflexões sobre a aplicação dos conceitos descritos no ensino de português como língua estrangeira. Observou-se que o termo não pode atuar como um elemento (i) central na tomada de turno, (ii) relevante na utilização de estratégias de polidez, (iii) com força de persuasão e convencimento em um enunciado, (iv) de expressão de sentimentos (surpresa) ou até mesmo enfatizador.

Este artigo foi organizado em quatro partes. A Introdução discute o objeto do estudo, enfoque do trabalho, relevância do estudo, identificação da ocorrência do não sem fins de negação. Em seguida, são apresentados os Pressupostos Teóricos: análise da conversação, análise do discurso e estudos interculturais, acompanhados de aspectos metodológicos. Com base nos dois primeiros pontos, é conduzida a Análise dos Dados e, finalmente, Conclusões Parciais são descritas.

1.1 - O objeto do estudo

O objetivo deste artigo é analisar as ocorrências do termo não isoladamente ou em expressões que contenham este termo no português do Brasil, quando este apresente um valor discursivo além daquele de mera negação, ou seja, o fenômeno em estudo neste trabalho são os diversos valores discursivos que podem ser carregados pelo termo não ou por expressões contendo não desapegados do valor inicial e preponderante descrito pela gramática prescritiva do português que vincula o termo não quase que exclusivamente à negação.

A negação já foi amplamente estudada e descrita no português do Brasil pelos gramáticos. Este trabalho, todavia, não pretende analisar as ocorrências nas quais o termo não seja *“uma palavra que se junta a verbos para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o*

processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade” (CUNHA. 1985 p. 499), no caso particular do não, advérbio de negação, mas, sim, as ocorrências em que seu papel preponderante não seja o de negação.

1.2 - Enfoque do trabalho

Tradicionalmente, as gramáticas de português, quando tratam do advérbio de negação, imediatamente fazem uso da palavra não para exemplificá-lo, como explica Dubois (1973):

“A gramática tradicional define o advérbio como uma palavra que acompanha um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, a fim de modificar ou dar mais precisão ao seu sentido, sendo sobretudo não e nem os advérbios de negação” (DUBOIS. 1973, pp. 26-27).

Por outro lado, não foram encontrados estudos específicos que descrevam os inúmeros papéis e valores semânticos que o termo não e expressões contendo este termo podem assumir em enunciados na língua viva, utilizada por falantes em situações reais de comunicação.

O termo não, além do tradicional significado de advérbio de negação que lhe é adequadamente imputado pelos estudos descritivos gramaticais, tem enorme relevância em orações não só por ser um dos elementos básicos da negação, mas por carregar inúmeros outros valores semânticos para os quais devemos atentar. A proposta deste trabalho está vinculada à descrição dos diversos usos da palavra não, com o foco mais intenso em situações em que esta tem papéis e valores semânticos principais outros que não os de advérbio de negação.

Os principais aspectos do termo não investigados neste trabalho são: o uso do termo não como um marcador conversacional com o objetivo de iniciar a tomada de turno em interações no discurso oral em português; o uso do termo não ou de expressões contendo este termo como elemento central na utilização de estratégias de polidez por parte do enunciador; o uso do termo não em interrogativas como forma de persuasão e convencimento a fim de marcar um ponto, apresentar opiniões, incluindo-se o uso do termo não em alguns atos de

fala, tais como: pedir, oferecer e sugerir; e uso do termo não para expressão de sentimentos (surpresa) ou até mesmo como um elemento enfatizador.

É nesse contexto que o presente trabalho se insere. Mais especificamente, centrar-se-á nos usos em que o termo não e expressões com não não sejam eminentemente negativos, ou até mesmo que não tenham nenhum grau de negação, mas, sim, nas suas ocorrências como marcador conversacional, como elemento de construção de um discurso persuasivo e como elemento participativo na construção da polidez do discurso.

Este artigo identifica que – além de haver uma lacuna no que concerne à explicação da negação, uma vez que há uma tendência de se explicar e resumir equivocadamente a negação através da negação pré-verbal – há uma lacuna em relação ao uso do termo não em ocorrências cujo valor semântico não seja primordial ou exclusivamente negativo. A afirmação de Klima (1959, *apud* LONGO, 1992: p. 4) de que “Não e nunca são a negação em forma completa; as outras palavras correspondem à negação especial (‘Ninguém faz isto’) incompleta ou inerente (‘Duvido que você vá’ ou ‘É impossível sair agora.’)”, parece resumir a negação ao não (e ao nunca) e, por conseguinte, parece vincular o uso do termo não exclusivamente com o foco e sentido de negação. Este trabalho pretende preencher esta lacuna, ao investigar os usos do termo não sem valor negativo ou sem valor primordialmente negativo.

A relevância do trabalho se evidencia com a ampliação do uso de português no cenário internacional, com a ampliação de cursos e materiais didáticos para ensino de Português como Língua Estrangeira e Segunda Língua no Brasil e no exterior e a consequente necessidade crescente de uma descrição do português do Brasil mais discursiva e mais próxima da língua usada por falantes em contextos reais. Inúmeros casos de interpretação equivocada por parte dos interlocutores na sua produção de significado, particularmente em interações interculturais, poderão ser evitados a partir das reflexões propostas neste artigo.

2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Uma revisão das vertentes da abordagem linguística de base pragmática que sustentam este estudo será brevemente discutida, dentre elas: a análise do discurso e a análise da conversação. Além desses conceitos, será brevemente apresentada a competência comunicativa intercultural e de polidez.

Neste artigo as reflexões sobre a linguagem e o uso da linguagem são elaboradas a partir de uma abordagem de base pragmática, com sentido de cobrir o estudo da língua em uso em relação ao contexto e, em particular, o estudo da comunicação linguística. A pragmática é entendida como uma área de conhecimento que privilegia o contexto de interação, sendo a língua vista como um instrumento mediador das interações sociais.

O aspecto pragmático da linguagem que concerne às características de sua utilização, por oposição ao aspecto puramente semântico, é relevante para o entendimento de que uma palavra – no caso deste trabalho, o termo não – não possui um sentido único e preciso, mas, sim, possui sentidos articuláveis, dependendo do percurso do signo linguístico em uma dada situação discursiva, sendo estes sentidos construídos através dos diferentes usos de que se fazem dessa palavra e dos participantes da interação com seus respectivos repertórios sócio-histórico-culturais.

“A linguagem funciona em seus usos, não cabendo, portanto, indagar sobre os significados das palavras, mas sobre suas funções práticas. Estas são múltiplas e variadas, construindo múltiplas linguagens que são verdadeiramente formas de vida.”
(D`OLIVEIRA, comentários iniciais, in: WITTGENSTEIN, 1984: xv).

Para Wittgenstein (1984), o importante é perceber como a linguagem funciona, e o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem. Acrescente-se a esse conceito a visão de produção de significado (compartilhado) pelos participantes, entendidos como sujeitos sócio-históricos, das interações sociais.

2.1 - A Análise da Conversação

Este trabalho visa a fazer uma análise de interações faladas, portanto a análise da conversação, que objetiva a descrição de expectativas e procedimentos envolvidos na produção e interpretação de uma interação conversacional (Heritage, 1984), oferece as ferramentas apropriadas para esse estudo.

A frase não é mais a unidade de análise linguística em uma perspectiva discursiva; este estudo enfoca o enunciado considerando-se quem enunciou o quê, onde, como, para quem, quando – os chamados fatores situacionais. Este artigo, seguindo a proposta de Gumperz (1982), busca levar em conta o contexto conversacional mais amplo ou as situações sociais nas quais as sentenças são inseridas; para tal, faz-se uso de ferramentas da análise da conversação e de estratégias conversacionais.

Em conversações, diferentemente do que se poderia imaginar antes dos estudos da área, há uma tendência evidente para se falar em turnos ordenados com apenas um falante falando de cada vez. Pode haver ligeiras diferenças culturais no caso de *overlapping*. Os papéis do falante e do ouvinte mudam constantemente. A mudança de turno de fala ocorre assim que um falante se torna ouvinte, quando seu ouvinte/interlocutor toma seu turno na conversa ao começar a falar – passando, por sua vez, a ser o falante. Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) descrevem detalhadamente esta tendência em seu *turn-taking model* (modelo de tomada de turno).

Além do modelo de tomada de turno e do conceito de pares adjacentes, também serão úteis na análise de dados deste trabalho os conceitos de marcadores conversacionais, estratégias discursivas, pressuposição e estrutura de expectativas. Estratégias discursivas estão sendo entendidas neste trabalho como as “convenções linguísticas e convenções comunicativas relacionadas que os falantes devem ter (para saber) criar e sustentar uma cooperação conversacional” (GUMPERZ, 1982).

Esse conceito se mostra extremamente relevante, em particular, para o sucesso das interações que envolvem falantes estrangeiros que trazem consigo convenções muitas vezes diferentes daquelas dos falantes brasileiros de língua portuguesa.

De acordo com Marcuschi, marcadores conversacionais “operam simultaneamente, como organizadores de interação, articuladores do texto e indicadores da força ilocutória, sendo, pois, multifuncionais” (1987:1). Em obra anterior, Marcuschi já havia identificado seis tipos de marcadores conversacionais verbais. São eles: “**sinais de tomada de turno**, sinais de sustentação de turno, sinais de saída ou entrega de turno, sinais de armação do quadro tópico, sinais de assentimento ou discordância e **sinais de abrandamento**” (Marcuschi, 1986, com grifo do pesquisador), tendo o primeiro e último tipos relevância direta no presente estudo do termo não e expressões contendo não, assim como o conceito de polidez desenvolvido por Brown e Levinson (1987), no qual a visão de polidez é baseada na noção de face de Goffman (1967), que explica que a face seria a máscara, usada pelo falante, que se modifica dependendo do público com que o falante interage e a variedade de interações sociais que performa.

Brown e Levinson partem do princípio de que tanto o falante quanto o ouvinte têm interesse em preservar a face do outro. Contudo, precisam performar atos de fala que são ameaçadores à face de seus interlocutores, chamados de Atos de Ameaça à face (AAF) e postulam que “a menos que o desejo do falante de fazer um AAF com máxima eficiência seja maior do que o desejo do falante de preservar a face do ouvinte (ou do falante) até certo ponto, então o falante desejará minimizar a ameaça do AAF (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 60).

Outro conceito que será utilizado na análise dos dados é o de pressuposição “como uma inferência que pode ser feita a partir de fatos gramaticais ou do léxico empregados em um enunciado e que se mantém mesmo quando o enunciado é negado”. (PINTO, 1977, p. 79). Também são consideradas neste trabalho as noções de estruturas de expectativas (Tannen, 1995) e trabalhos de Goffman (1959) e de Gumperz (1982), que interpretam o discurso como um esforço conjunto dos participantes na construção de sentidos, em que o ato de falar pressupõe o ato de ouvir. O discurso (ou interação face a face) é visto como uma atividade comunicativa complexa, que integra níveis ou subsistemas de várias naturezas, tais como o sociocultural, o linguístico, o paralinguístico e o cognitivo.

Conforme os estudos de Deborah Tannen (1979), as estruturas de expectativas estão constantemente mediando a pessoa e as suas percepções, por um lado, e essas percepções e o como falar sobre elas, por outro. Essas expectativas operam em todos os níveis, do mais amplo do contexto e atividade até ideias específicas sobre episódios e ações, objetos e pessoas.

Outro aspecto teórico que deve ser apresentado brevemente neste artigo é a competência comunicativa intercultural, apresentada pelo *Common European Framework* como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que podem ser resumidos por: conhecer a si e ao outro, saber como relacionar e interpretar significado, desenvolver conscientização crítica, saber descobrir a informação cultural, saber como relativizar a si e valorizar as atitudes e crenças do outro (CORBETT, 2010, p. 4). Essa compreensão pode permitir a um estrangeiro compreender que uma frase iniciada pelo termo não, reconhecido (em suas diversas traduções) como advérbio de negação clássico em várias línguas, pode iniciar um enunciado que responde a uma pergunta e este enunciado não negar a ideia proposta no enunciado anterior.

Em referência ao que costuma se referir o professor Banner, da Universidade Kent, em palestra proferida na Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre questões interculturais, em 2014, e Lima (2012), pode-se afirmar que se alguém se irrita com algo que um estrangeiro fez ou falou, muito provavelmente um dos dois interagentes interpretou equivocadamente algo.

3 - METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter interpretativista com interesse prático e na descrição, entendimento e esclarecimento de contextos sociais, a interpretação do comportamento humano pela perspectiva do participante, o desenvolvimento de interpretações socialmente subjetivas e relativas sobre os fenômenos estudados, a visão de que todo conhecimento está culturalmente impregnado em contextos sociais específicos.

O contexto da pesquisa envolveu duas entrevistas televisivas gravadas, sendo uma com enfoque em entretenimento (Sílvia Popovic Show) e outra, com perspectiva mais informativa (TV Cultura em Debate). Adicionalmente foram coletados dados durante dois eventos sociais: uma atividade de treinamento em uma empresa em que o pesquisador atuava como consultor e em um hotel, no qual o pesquisador permaneceu por oito dias para condução de seus estudos sobre a área de interação oral em português como L2. As ocorrências do termo não, sem valor de mera negação, foram elencadas e categorizadas, conforme próximo item.

4 - ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados que se inicia está dividida em quatro principais partes: o termo não pode atuar como marcador conversacional, com o objetivo de iniciar a tomada de turno em interações orais; pode ter um papel central no nível de polidez de um enunciado, funcionando como marcador conversacional e estratégia de polidez; pode, também, ser um elemento central na linguagem de persuasão e convencimento, levando interlocutores a confirmarem ou concordarem com o que foi enunciado; além disso, pode ser um elemento central de uma estratégia para expressar sentimentos (como surpresa) ou até mesmo enfatizador.

O primeiro valor discursivo do termo no presente estudo é o de marcador conversacional; neste caso, o enunciador o utiliza com o objetivo de iniciar a tomada de turno em interações orais. Falantes de português no Brasil usam de forma consistente a palavra não apenas para iniciar seus turnos de fala sem qualquer intenção de negar algo dito anteriormente. Muitas vezes, o interlocutor está concordando em seu enunciado com o que foi dito anteriormente; mesmo assim, começa um turno de fala com o termo não que poderia ser interpretado – equivocadamente, neste caso – por um falante estrangeiro como o item lexical mais óbvio de uma negação do enunciado anterior. Nessas ocorrências o termo não não apresenta qualquer significado de negação, ele se apresenta apenas como um elemento que inicia o turno de fala.

A seguir alguns exemplos do não como um marcador conversacional indicando o início da tomada de turno.

Exemplo 1:

“B.: (...) toda vez que este grupo acaba, se queixa de doenças, sempre tem um deles que fala em troca de parceira.

F.: Só fala.

B.: **Não**, só fala. No momento, não estamos trabalhando no lugar adequado, como eles trabalhavam na oficina.”

O exemplo 1 chama a atenção para o fato de que o falante, após ouvir o comentário que “(um deles) só fala”, concorda plenamente e inclusive reafirma o comentário feito por seu interlocutor. Contudo, o início deste turno de concordância plena apresenta a palavra não. Portanto, pode-se perceber que o não pode exercer este papel muito particular no discurso, qual seja, o de partícula de tomada de turno. Um exemplo como este pode confundir um estrangeiro que não tenha sido chamado à atenção para tal fenômeno. Os livros didáticos de Português como Língua Estrangeira (PLE) poderiam e deveriam incorporar esse tipo de ocorrência que é ilustrada com os exemplos 2 e 3 abaixo.

Exemplo 2: “Gisele: (...) Existe dentro da psiquiatria geriátrica o trabalho específico com terminais, mas não é toda geriatria que trabalha com terminais.

Coordenador da entrevista: Cândido, você...

Cândido: **Não**, só gostaria de parabenizar vocês por todo este programa, estamos no ano internacional do idoso, eu acho que...”

Nesse caso, o entrevistado interrompe o coordenador da entrevista para iniciar seu turno e o faz com o uso do termo não, sem ter qualquer intenção de negar o enunciado anterior, o qual nem havia sido concluído.

Exemplo 3:

“Gerente: P., como é que você deixa isto acontecer! Você ligou para o cliente depois da reclamação?”

Coordenador local: **Não**, liguei. Falei com ele no mesmo dia. Tipo, o cara ficou satisfeito com o resultado final, meu”.

O exemplo 3 deixa claro que um potencial mal-entendimento pode ser muito frequente se um interlocutor for um falante estrangeiro. A pausa, o tom de voz e outros fatores prosódicos podem ser decisivos nesse momento de produção de significado por parte do interlocutor. Se o estrangeiro, em particular, perceber a sequência “não liguei”, muito possivelmente interpretará a negação do enunciado anterior. Esta interpretação seria diametralmente oposta ao que pretende enunciar o falante, que, de fato, realizou a ligação.

O segundo valor discursivo do termo não no presente estudo é o de marcador discursivo com função de polidez. Inicialmente, percebe-se que o termo não funciona como elemento de abrandamento e mitigação do enunciado, atenuam, assim, enunciados com implicação de maior grau de polidez e trabalho de face por parte do falante.

Além de poder assumir valor atenuador de um risco de ameaça à face do enunciador, não sei se pode atenuar também um ato de ameaça à face dos interlocutores. O exemplo 4 evidencia isto, quando o diretor de uma empresa enuncia o preâmbulo de seu argumento principal, em uma atividade de treinamento. A expressão “**Não sei se** vocês perceberam” permite que os interlocutores se sintam mais à vontade caso não tenham percebido a ação descrita em seguida.

Exemplo 4:

Diretor (em conversa informal com coordenadores locais): **Não sei se** vocês perceberam, mas ficou claro que ele estava querendo um desconto”.

Alguns sintagmas formulaicos (expressões cristalizadas na língua) contendo não são utilizados em português pelo enunciador com o objetivo de controlar, por antecipação, possíveis reações desfavoráveis ao que é enunciado em seguida, sendo, assim, uma estratégia de polidez.

Exemplo 5:

“Hóspede (reclamando com funcionária do hotel): **Não me leve a mal**, mas nesse quarto sem água quente... eu não vou ficar, não”.

Interessante notar a combinação de uma afirmativa categórica por meio da dupla negação (eu não vou ficar, não”), ser precedida de uma expressão que visa à proteção de face. Nesse instante é importante buscar a distinção cultural na forma de negar. Algumas culturas tendem a ser mais confortáveis com recusas, críticas, negações diretas; outras, nem tanto. Este ponto pode ser mais uma contribuição de posicionar a cultura brasileira nesse contínuo que indicaria maior ou menor diretividade em atos de ameaça à face. Em sala de aula ou em livros didáticos, essa reflexão poderia ser proposta para os aprendizes e para o professor de PLE, sendo ele brasileiro ou não.

No caso do exemplo 6, o respondente não se responsabiliza totalmente pelo conteúdo de seu enunciado, através de uma forma de modalização e mitigação do discurso, como verifica-se abaixo, ao fazer uso da expressão “se não estou enganada”:

Exemplo 6:

“Hóspede: A que horas sai o último ônibus para o Rio?”

Funcionária do hotel: **se não estou enganada**, o último ônibus para o Rio sai às 20:30”.

Exemplo 7:

“Funcionária (falando com o gerente em momento informal): **Não quero ser chata, mas** você falou que ia dar treinamento pra gente essa semana”.

No exemplo 7, abaixo a funcionária está lembrando ou quase cobrando de sua gerente o treinamento que esta havia prometido dar e que até então não havia dado; estrategicamente, a funcionária inclui a oração para diminuir o ato de ameaça à face, tendo em vista a relação hierárquica assimétrica que se apresenta no momento da interação.

Nos exemplos 8 e 9, as expressões assinaladas diminuem a força dos enunciados, o que proporciona maior polidez e proteção de face do interlocutor.

Exemplo 8:

“Cliente (falando para fornecedor em reunião de negócios): **Eu não sou especialista, mas** eu acho que isso deve ser feito.”

Exemplo 9:

“Coordenador regional (ao falar com a gerente): **Eu sei que isso não é da minha alçada, mas** nosso preço em Brasília está muito baixo.”

O terceiro valor discursivo do termo não no presente estudo é a função de persuasão e convencimento e expressão de opiniões subliminares, sem valor de negação de enunciados.

Ao utilizar a forma estrutural negativa (em 10), a apresentadora de um programa de televisão expressa indireta sua opinião de que a menina seria um pote de hormônio. Desta forma, busca influenciar os interlocutores a concordar com seu ponto de vista. Essa frase dita na forma afirmativa não atingiria seu propósito comunicativo.

Exemplo 10:

“Sílvia (entrevistadora): Essa menina **não** é um pote de hormônio?”

Exemplos 11 e 12 carregam clara noção de persuasão e convencimento do interlocutor ao fazerem uso do termo não, quando contrastados com os enunciados na forma afirmativa. A opinião de Antônio de que vale a pena comprar o referido *software*, em 11, está expressa de forma subliminar. Em 12, ao utilizar a estrutura com o termo não a oferta tende a persuadir os interlocutores.

Exemplo 11:

”Antônio (dirigindo-se ao gerente): **Você não acha** que vale a pena comprar o *software* integrado? Sai mais barato.”

Exemplo 12:

“Gerente do hotel (falando com os hóspedes): Vocês **não** querem ver a criação de truta?”

Nos exemplos abaixo 13, 14, 15 e 16, o termo não funciona como um intensificador da força do enunciado, o que pode gerar um ato de ameaça à face, uma vez que o uso do termo não pode fazer com que o interlocutor produza um significado de crítica e descontentamento do enunciado. Para fins didáticos e pedagógicos, na sala de PLE, basta o professor contrastar as frases na forma negativa com as respectivas frases na forma afirmativa e fazer com que os aprendizes percebam a diferença no uso, no item, na atitude do falante, na ideia subliminar que pode estar sendo compartilhada (força ilocutória do ato de fala).

Exemplo 13:

“Diretor de uma empresa, referindo-se a um gerente de área: Você **não** poderia ter falado antes?”

Exemplo 14:

“Sílvia (entrevistadora): **Não** deveria ter trazido a criança para vacinar ontem?”

Exemplo 15:

Diretor, interpelando funcionário: “**Não** deveria ter comunicado o fato imediatamente à gerência da fábrica?”

Exemplo 16:

“Caixa de supermercado a cliente: Você **não** tem menor, **não**?”

A ocorrência do duplo uso do termo não pode ser compreendida como um ato de ameaça à face dos interlocutores, uma vez que implica que o caixa esperava que o cliente desse uma nota de valor menor para o pagamento a fim de facilitar o troco do caixa, ou seja, o benefício seria do caixa e não do cliente.

Em uma experiência de ensino-aprendizagem os exemplos 13, 14 e 15 podem ser acrescidos de mais um termo **não** no final do enunciado, por exemplo: “**Não** deveria ter

comunicado o fato imediatamente à gerencia da fábrica, **não?**”. Esses enunciados podem assumir uma força mais enfática, exercendo, assim, maior ameaça à face do interlocutor. Pode-se inferir que havia por parte do primeiro falante uma expectativa de que a atividade houvesse sido realizada. Portanto, pode-se perceber um tom de julgamento e crítica pelo fato de um interlocutor ainda não ter realizado tal atividade. Certamente deverão ser inseridos na atividade nesse contexto fatores prosódicos, assim como expressões corporais e faciais, os quais são fatores culturais relevantes na produção de significado nas interações sociais.

Finalmente, alguns usos do termo não que não estão vinculados com a negação do restante do enunciado podem implicar maior ênfase do enunciado ou algum sentimento como surpresa, por exemplo, como pode-se perceber nos exemplos a seguir:

Exemplo 17:

“Mulher, em conversa informal com amiga em um hotel: Você não vai querer saber o que aconteceu no clube ontem. Teve uma tremenda briga (...)

Amiga: Não me diga!”

Exemplo 18:

“Executiva em reunião gerencial: O que eu não faria para ganhar aquele contrato...”

No exemplo 17, a amiga, ao retrucar a novidade, não estava, de fato, solicitando que a história não fosse compartilhada. Ela expressava ali um sentimento de surpresa com o fato. No exemplo 18, a executiva não está realmente listando o que ela não faria, mas, sim, enfatizando que faria várias coisas, tomaria inúmeras medidas para o atingimento do objetivo, no caso a obtenção do contrato.

Até que ponto materiais de PLE e professores discutem esses usos do termo não, os quais evidentemente não implicam na negação do enunciado anterior e/ou do restante do enunciado em que se insere? Cada vez mais a língua real, o português falado no Brasil deve permear os materiais didáticos e as práticas docentes a fim de diminuir as lacunas entre as descrições gramaticais tradicionais e os usos que os falantes fazem em seu cotidiano.

5 - CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou diversos usos que são correntes do dia a dia de falantes de português no Brasil, como nas ocorrências do não na tomada de turno, em posição inicial de frase, porém sem valor negativo. Este estudo buscou, ainda, uma análise linguística de questões que presentes nos repertórios linguístico e cultural dos falantes nativos ao usarem determinadas construções, tais como os diversos papéis que o termo não pode assumir em frases interrogativas, ligado por vezes ao conceito de polidez, por outra ao conceito de persuasão e convencimento e argumentação.

A análise conduzida aqui aponta para uma imensa trilha para a exploração de conceitos, ideias e descrições do português que podem contribuir tanto para o melhor entendimento do funcionamento da língua em uso pelos falantes nativos do Brasil em contextos e situações reais quanto para o cenário de PLE, cujos materiais didáticos, ao utilizarem textos orais autênticos, trarão certamente exemplos semelhantes aos descritos neste trabalho. Por conseguinte, esses materiais didáticos poderão oferecer oportunidades para os aprendizes estrangeiros lidarem com esses aspectos linguísticos e culturais.

Adicionalmente, este trabalho pode trazer à tona uma breve reflexão sobre o uso da língua, em particular, para os falantes estrangeiros; ou seja, inúmeras vezes, deixa-se de perceber uma mensagem subliminar em um diálogo, perde-se uma oportunidade de comunicação mais eficaz por puro despreparo linguístico ou desconhecimento do processo de interação oral. Desta forma, ao apurar a sua sensibilidade linguística, o interlocutor falante nativo ou não, estará se relacionando e se comunicando com mais eficácia em um cenário mais global e internacional, no qual o português assume papel de relevância. Nesse sentido, este trabalho espera ter trazido à baila aspectos relevantes para a competência comunicativa intercultural e ter dado sua contribuição para reflexões de professores de PLE e elaboradores de material de PLE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMENGAND, F. A *Pragmática*. Parábola. São Paulo, 2006.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: some Universals in Language Use*. 2nd ed. Cambridge. Cambridge University, 1987.
- CORBETT, J. *Intercultural Language Activities*. Cambridge Handbooks for Language Teachers. Cambridge, 2010.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Ed. Nova Fronteira, São Paulo, 1985.
- DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*. Ed. Cultrix, São Paulo, 1973.
- GOFFMAN, E. *The presentation of self in everyday life*. Garden City, N.Y.: Doubleday. 1959
- GUMPERZ, John. *Discourse Strategies*. Cambridge. Cambridge University Press, 1982.
- HYMES, D. "On Communicative Competence." In, PRIDE e HOLMES (Eds.). *Sociolinguistics*. Selected Readings, Harmondsworth: Penguin, pp. 269-293, 1972.
- RAJAGOPALAN, K. *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. Parábola. São Paulo, 2010.
- LIMA, Diógenes Cândido (org.). *Language and its Cultural Substrate: Perspectives for a Globalized World*. Ed. Pontes. São Paulo, 2012.
- LONGO, Leila Souto de Castro. *Alguns Aspectos da Negação Morfológica em Português*. Tese de Dissertação. PUC – Rio, 1992.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo. Ed Ática. 1986
- _____. *Marcadores Conversacionais no Português Brasileiro*. Formas, posições e funções. Freiburg (Alemanha) Congresso de Romanística. 1987
- OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite. *Polidez: uma estratégia de dissimulação: análise de carta de pedido de empresas brasileiras*. Tese de Doutorado. PUC – Rio. 1992.
- SACKS, H., JEFFERSON, G. e SCHEGLOFF, E. A. "A Simplest Systematics For the organization of Turn-Taking for Conversation," *Language*, 50:696-735, 1974.
- SANTO, P., ALVAREZ, M. L. O. *Língua e cultura no contexto de Português Língua Estrangeira*. Pontes. São Paulo, 2010.

SPENCER- OATEY, H. *Culturally Speaking: Culture Communication and Politeness Theory*. 2nd Ed. London, 2008.

TANNEN, Deborah. *Repetition and Variation as Spontaneous Formulaicity in Conversation*. Washington, Georgetown University, 1995.

WITTGENSTEIN Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Trad. de José Carlos Bruni. São Paulo: Cultrix, 1984. (Col. Os Pensadores).

Recebido em 27/04/2015.

Aceito em 29/08/2015.